O ENSINO RELIGIOSO COMO FENÔMENO DE HUMANIZAÇÃO E SOLIDARIEDADE

Diana do Espírito Santo Souza

Este artigo tem a intenção de provocar uma reflexão sobre o Ensino religioso na educação escolar, à luz do que proclama o Estado laico. O fenômeno religioso perpassa por toda a história da humanidade. Tem um marco que se perde nos tempos e de alguma forma (primitiva, ou institucional), sempre esteve presente em quase todas as civilizações. Na educação primitiva, os mais velhos orientavam os mais novos em como se comportarem, o que fazer e no que crer. Elaborado a partir de uma pesquisa do tipo bibliográfica e de abordagem qualitativa, o pressente trabalho confirma que, na escola, a educação acontece de forma sistemática, subordinada a rigores metodológicos e temporais. O ensino religioso sempre esteve presente em toda a historia da educação escolar brasileira e teve a sua gênesis na combinação educação e catequese, dirigida pelos jesuítas. Os jesuítas aportaram no Brasil no ano de 1549, com quatro padres e dois irmãos da companhia de Jesus liderados pelo padre Manoel de Nóbrega. A companhia tinha como objetivo principal tornar os habitantes do Brasil cristãos, ensinar-lhes a ler, escrever e a contar. No período colonial, a criança era considerada pelos próprios pais ”um papel em branco”, por isso, eram entregues aos jesuítas para serem catequizadas. Os jesuítas foram expulsos na era pombalina, mas mesmo assim o catolicismo manteve-se predominante no Brasil. De acordo com a nova LDB, as aulas de ensino religioso, jamais poderão ser aulas de catequese ou de doutrinação. As instituições religiosas têm os seus programas que visam a doutrinar os féis. È importante entender que a prática do ensino religioso numa escola precisa de definições claras quanto aos seus objetivos, antes mesmo da elaboração de seu programa e de sua inserção no currículo escolar.

Palavras-chave**:** Ensino religioso; Escola; Doutrinação

A prática do ensino religioso atravessa de ponta a ponta a história da educação brasileira. Iniciou-se numa combinação entre educação e catequese, liderada pelos jesuítas, perdurando por todo o período colonial. Os jesuítas foram expulsos na fase pombalina, entretanto a fé católica continuou usufruindo o status de religião oficial do Brasil. Com a independência do Brasil, instalou-se o regime imperial, porém nada foi modificado na relação da igreja com a educação. Somente em 1889, com o aparecimento da República, há uma separação do Estado da igreja. O estado proclamou-se neutro nos assuntos religiosos e aboliu esta prática de ensino nas escolas.

A igreja, não se conformou com essa separação e buscou meios para novamente incluí-la á na educação e teve êxito logo após a revolução de 1930, quando Francisco Campos, eleito ministro do Ministério da Educação e Saúde pública, estabeleceu de novo o ensino religioso nas escolas.

Para Saviani (2004),com a constituição de 1933, a igreja católica reuniu forças para combater o movimento renovador liderado pelos pioneiros da educação nova. Na constituição de 1934, no artigo 153, a matrícula no ensino religioso era facultativa, mas matéria obrigatória nas escolas públicas primárias, secundárias, profissionais e normais. Essa situação passou por várias constituições, permanecendo até a atual, de 1988 (parágrafo primeiro do artigo 210).

A igreja, insatisfeita com a falta de remuneração dos seus professores, aproveitou os debates que aconteceram na fase de transição do projeto da nova Lei de Diretrizes e bases da Educação Nacional, para requerer "que esse ensino fosse remunerado pelos cofres públicos" (SAVIANE, 2004, p. 68).

Segundo Saviani (2004) a redação do artigo 33 da lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, diz que a matrícula no ensino religioso é facultativa, a disciplina faz parte dos horários normais da escola pública de ensino fundamental e os professores não são remunerados pelos cofres públicos. Contrariada com essa situação, a igreja pôs em ação a sua força, o que resultou na aprovação da remuneração para os seus professores, conforme a lei nº 9.475/97.

Conforme VALLS (1994), muitas discussões no mundo antigo existiram com o propósito de introduzir doutrinas práticas, que tinham como objetivo orientar a ação do indivíduo para que pudesse viver bem e melhor, considerando alguns elementos como a virtude e a harmonia com a natureza. Quando Valls se refere a viver segundo a natureza, não afirma que o homem deve considerar particularmente o tema ecológico, mas sim a moral, isto é, no mundo deveria existir uma lei que oferecesse condições para que o homem pudesse realizar-se como homem. A lei moral relaciona-se com a lei natural.

Nos dias atuais, são muitas as tragédias que cercam as vidas das pessoas, uma imensa onda de violência social em todos os seus parâmetros aterroriza as pessoas. Pessoas que são destruídas pela prostituição, rejeição, humilhação, discriminação e pela falta de respeito por si mesma e pelo próximo. "Faz-se necessário que o homem pergunte-se como agir diante do seu semelhante. Embora a resposta dessa pergunta seja complexa faz-se

necessário a reflexão urgente." (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. p.31. 1997).

A antiga religião grega, assim como as outras religiões da antiguidade, personificava elementos da natureza como o raio, o amor, a guerra, como se fossem deuses, contrariamente ao ensinamento judeu, que acreditava na existência de um só Deus. O Deus dos judeus, não podia ser comparado a elementos da natureza, era o criador de todas as coisas, tudo lhe era sujeito. Estava acima de tudo e de todos. Os judeus guardavam mandamentos que diziam, por exemplo, "não terás outros deuses diante de mim. Não farás para ti imagem de esculturas nem semelhança alguma do que há em cima nos céus, nem em baixo na terra, nem nas águas debaixo da terra." (BÍBLIA AT Êxodo, 20: 3-4)

De acordo com Valls (1994), a religião beneficiou muito a elevação da moral da humanidade, o alvo da vida moral foi destacado pela sociedade. Em contra posição, o fanatismo religioso, provocou o obscurecimento à mensagem afetou a ética, transgrediu o direito à liberdade, à fraternidade e ao amor universal. Não foram em vão as discussões que surgiram no passado, em torno da religião. A religião sempre estimulou muitos moralistas e filósofos, provocando novos questionamentos como os da natureza e da liberdade.

Não é em vão que a Idade Média, ficou conhecida como o período dos cristãos do ocidente, quando o pensamento ético tinha uma grande relação com a religião, com a interpretação da Bíblia e com a teologia. Já na Idade Moderna, há mais ou menos, cinco séculos, surgem duas novas tendências: em busca de uma ética racional e uma doutrina da revelação, praticada especialmente pelos cristãos. (VALLS, 1994, p. 38)

Para entendermos melhor o sistema educacional contemporâneo, é necessário voltarmos a alguns séculos atrás até atingirmos o primeiro núcleo das idéias pedagógicas e o primeiro embrião de instituição escolar. (DUCKHEIM,1995, p. 26).

Toda a nossa pedagogia e os princípios fundamentais de nosso ensino vieram de Roma. Os bárbaros que viviam na Germânia eram insensíveis à

civilização. As ciências (letras, artes, filosofias), eram algo sem valor, e que despertava aversão. Parece que esses dois povos não desfrutavam de um bom relacionamento. Felizmente com o passar dos tempos essas duas civilizações passarão a se relacionar amistosamente. O eixo dessa nova relação foi a igreja católica que passou a exercer o papel de mediadora entre os povos. Sendo ainda o canal da vida intelectual de Roma.

A igreja surpreende-nos pela forma como conseguiu se infiltrar na cultura desses dois povos tão distintos, já que se caracterizava pelo desprezo às alegrias deste mundo, luxo material e moral, e pela renúncia. O Império Romano estava cansado das hipercivilizações. Roma estava disposta a receber uma nova religião, uma religião que propulsionasse novas formas de felicidades.

Os bárbaros apresentavam afinidades com a igreja e foi isso o que possibilitou a entrada e a permanência dela nessa civilização. A igreja proporcionava para este povo tudo do que eles precisavam relativamente à moral. Como a igreja tem a sua sede em Roma, ao introduzir-se entre os bárbaros, também introduziu a sua cultura local. Os bárbaros recebiam de bom grado as orientações, pois queriam uma nova religião, uma nova fé, um suporte moral.

Para Luzuriaga (2001), o cristianismo na civilização romana, perdurou cerca de cinco séculos. A educação cristã se apresentava nos primeiros séculos, de forma direta e pessoal, tendo como primeiro e principal mestre, Jesus de Nazaré e, posteriormente, os seus apóstolos. Era uma educação sem escolas, como nos tempos primitivos, uma educação natural e espontânea, como nos tempos dos budistas, dos judeus, e em geral, em todas as religiões, em seus primeiros tempos.

Com o passar dos tempos, surgiu uma forma particular de ensino, não de caráter pedagógico, mas religioso, de preparar o indivíduo para a vida na terra por meio do batismo, que antes era realizado na fase adulta, como Jesus tinha sido batizado. Surge então a instrução catequista que é dada pela igreja ou por pessoas especiais, como os professores, que eram chamados de “di dáscalos”. Toda essa preparação resultou mais tarde em escolas a cargo dos sacerdotes,

sendo o conteúdo dessas instituições, o catecismo, que depois teve como acréscimo, o canto e a música.

Esse tipo de educação cristã primitiva perdurou por um longo período, baseada exclusivamente na catequese, na música e no canto. Surge então a necessidade de professores qualificados para a educação o que originou as escolas de catequistas. A primeira, a de Alexandria, foi criada por volta de 179 DC, por Pantaenus, filósofo grego convertido. Nela o ensino religioso era o principal instrumento. Existia também, o ensino enciclopédico e o teológico. A escola transformou-se no centro mais importante de cultura religiosa e sacerdotal da época. (LUZURIAGA,2001, pag. 72)

A escola se modernizou, surgiu um novo modelo, a escola episcopal, criada por Santo Agostinho, em Hipona, responsável pela formação eclesiástica. A educação nessas escolas consistia em ensino teológico e serviço eclesiástico. Já a educação humanista, era adquirida nas escolas tradicionais de Roma. A escola não parou de se modernizar. Com a invasão dos bárbaros, surgiu um novo tipo de escola elementar, de alcance maior que a anterior, a paroquial, ou presbiteriana. Essas escolas tinham como essência, um ensino puramente eclesiástico. Enquanto a maioria da população ficava sem instrução, a minoria a recebia nas escolas ordinárias que desapareceram com as invasões bárbaras. O ensino passou então a ser dado nos mosteiros que foram os únicos que conservaram a educação e a cultura.

A educação primitiva, segundo Luzuriaga (2001), dava-se de forma natural, espontânea, e era adquirida a partir da convivência dos pais com os filhos adultos e juvenis. Sob a influência, ou divisão dos mais velhos, a criança aprendia as técnicas básicas e essências à vida, como: agricultura, pesca, pastoreio, caça e trabalhos domésticos. Aprendiam também os costumes da tribo, suas danças e cantos, seus ritos e mistérios, o uso de armas e da linguagem, que constituíam seu maior e principal instrumento de educação.

A educação dos povos primitivos é dividida em dois grandes períodos da historia que correspondem às idades pré-históricas; a do homem caçador e a do homem agricultor. Nos povos caçadores, a criação dos filhos, para os dias atuais, pode ser considerada muito “frouxa”, às crianças eram deixadas em

liberdade, podendo-se até supor sem disciplina. Já nos povos agricultores, a educação muda muito, porque os trabalhos agrícolas e pastoris requeriam disciplina, ordem, que os povos caçadores não tinham, “a geração jovem tinha de aprender os fenômenos meteorológicos, o cultivo das plantas, o cultivo dos animais”. (LUZURIAGA, 2001, pag. 15).

Quando o cristianismo surgiu, o percurso da historia ocidental foi mudado. Esquecendo as particularidades teológicas, predomina o cristianismo, saindo da religião hebraica e da cultura grega. Recebem dos hebreus os livros sagrados do antigo testamento e a emoção religiosa e da cultura grega a visão filosófica e o fazer ético. Destacando sobre ambos a atitude espiritual cristã.

LUZURIAGA em seu livro História da Educação e da Pedagogia, destaca no que se refere à educação o significado histórico do cristianismo como:

1.°) Reconhecimento do valor do indivíduo como obra da divindade.

2.°) Superação dos limites de nação e Estado e criação da consciência universal humana.

3.°) Fundamentação das relações humanas no amor e na caridade.

4.°) Igualdade essencial de todos os homens, seja qual for a posição econômica ou classe social.

5.°) Valorização da vida emotiva e sentimental sobre a puramente intelectual.

6.°) Consideração da família como a mais imediata comunidade pessoal e educativa.

7.°) Desvalorização da vida terrena presente ante o além, e, portanto,subordinação da educação à vida futura.

8.°)Reconhecimento da Igreja como órgão da Fe cristã e, logo, como orientadora da educação. (LUZURIAGA, 2001, p. 70).

A família foi a primeira instituição criada por Deus na terra. ‘É por isso que o homem deixa pai e mãe para se unir à sua mulher, e os dois tornam-se uma só pessoa’’. A sociedade compõe-se de famílias e dos homens como chefes das

famílias. Do coração do homem é que procedem aos maus pensamentos e as más ações, e o coração da comunidade, da igreja e da nação é o lar. A felicidade da sociedade, o êxito da igreja e a prosperidade da nação, dependem das influencias domésticas. (BÍBLIA, A.T. Gn, 2: 24)

A elevação ou a decadência do futuro da sociedade podem ser determinadas pelos costumes e pela moral da juventude, que cresce ao nosso redor. Como a juventude é educada e como é moldado o seu caráter na infância em hábitos virtuosos, domínio próprio e temperança, é que se pode pensar em como este homem influenciará a sociedade em que viver. Se os jovens são deixados sem esclarecimentos, sem controle, tornando-se voluntariosos, intemperantes em apetite e paixões isso vai influenciar e modelar a sociedade. As crianças de hoje são o futuro do amanhã.

Para Makiyama 2008, pode-se definir a educação das mais diferentes formas e com parâmetros diversificados, mas quando falamos de seu objetivo final, todas as definições focalizam o mesmo ponto, o desenvolvimento pleno do sujeito humano na sociedade. È possível então refletir sobre como o Ensino Religioso fundamenta a natureza humana: o homem para adquirir seu estado de realização integral necessita da “perfeição” religiosa também.

As aulas de ensino religioso não podem ser aulas de catequese ou de classe de catecúmenos. As instituições religiosas têm seus programas de Educação religiosa que visam a transmitir suas doutrinas aos fiéis, portanto a prática do ensino religioso nas escolas precisa de uma definição bem clara de seus objetivos. A elaboração de um currículo depende da realidade vivencial em que esta sendo elaborado. Quando pensamos em ensino religioso, podemos seguir a linha da história das religiões, das doutrinas religiosas, da teologia cristã, da ética e da cidadania. Existe um universo de abordagens que precisará passar por um criterioso crivo em diversos níveis.

O ensino religioso, de matrícula facultativa é parte integrante da formação básica do cidadão e constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas e particulares, assegurando o respeito à diversidade cultural e religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo. “Para viver democraticamente em uma sociedade plural, é necessário respeitar os

deferentes grupos e culturas, que a constituem". (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 1997, p.32) .

As propostas de ensino religioso devem enfatizar o respeito pelo outro, o trabalho com aqueles que se encontram em situação de exclusão social, promovendo formas voluntárias e autônomas de participação, promovendo um compromisso com as questões sociais, bem como possibilidade de intervenções. Tais práticas são caminhos viáveis para a formação da cidadania. Do mesmo modo, compromisso com valores como honestidade, justiça, amor ao próximo, bondade e solidariedade, devem ser incentivados. Esses valores devem estar ligados a uma ética que se especifique para cada grupo social e religioso, apresentando valores que podem ser vistos como universais. A educação religiosa pode articular-se ao currículo escolar de forma a contribuir para uma formação plena do indivíduo em que espírito e mente estejam em consonância com a formação tanto teórica, quanto ética e moral.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BIBLIA, A. T. Genesis. Português. **Bíblia Sagrada**: Nova Tradução na linguagem de hoje: São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000. Cap. 2,ver.24

BIBLIA, A. T. ÊXODO. Português. **Bíblia Sagrada**: 2 ed. Trad. de: João Ferreira de Almeida.Revista Atualizada no Brasil.São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.Cap.20,vers.3-4.

DAVIDOFF. Lindal L. **Introdução à psicologia**. São Paulo: Markron Books, 2001.

DEL PRIORE, Mary (org.). **História das crianças no Brasil**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2000.

DURKHEIM, Emile. **A evolução pedagógica**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

LDB 9394/96. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

LUZURIAGA, Lorenzo. **História da educação e da pedagogia**. 19 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.

MAKIYAMA, Matilde Tiemi. **O Ensino Religioso.** Disponível em: <http://www.hottopos.com>. Acesso em: 28 de maio de 2008.

SAVIANI, Dermeval. **Da nova LDB ao novo plano nacional de educação.** 5. ed. São Paulo: Autores Associados,2004.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros curriculares nacionais**: apresentação dos temas transversais. 8.v.Brasília: MEC/SEF, 1997.

VALLS, Álvaro L. M.**O que é ética**. 9. ed. São Paulo. Brasiliense, 1994.